



A reclamação pública de Luciana (E) deu-lhe oportunidade de ganhar uma bolsa que a tirou do precário Colégio Estadual Paulo de Frontin.

Desabafo mudou vida de estudante

■ Carta no 'JB' deu chance a jovem de passar no vestibular

FÁBIO VARSANO

Estou muito revoltada com a situação do ensino do 2º grau no Rio de Janeiro. Peço desculpas pelos erros que surgirão nesta carta, mas não tenho culpa, no colégio onde estudo faltam professores. Este ano vou ser obrigada a ficar o mês de março sem sete matérias: Biologia, Química, Física, Literatura, História, Francês e Educação Física. Não sei o que fazer, na escola estão todos revoltados”.

Assim começava a carta de Luciana Soares da Silva, então aluna da 3ª série do 2º grau do Colégio Estadual Paulo de Frontin, no Rio Comprido (Zona Norte), publicada no **JORNAL DO BRASIL** em 21 de março do ano passado. A vida da estudante mudou radicalmente desde que fez o desabafo. Ela recebeu uma

bolsa de estudos de uma escola particular de Madureira, passou a assistir a aulas todos os dias e conseguiu realizar seu sonho: passou no vestibular da UFRJ, onde inicia, em agosto, o curso de Educação Física.

“De uma coisa tenho certeza: a troca valeu a pena. Tenho certeza de que não teria passado se tivesse continuado numa escola pública”, afirma Luciana, que aguarda, ansiosa, o início do ano letivo. Hoje com 18 anos, ela lembra que a bolsa de estudos incluiu um curso preparatório para o vestibular, o que lhe deu segurança para fazer as provas.

Cursos — Flamenguista *roxa*, Luciana adora esportes e tem predileção especial por basquete. Como só começa na universidade em agosto, aproveita para fazer cursos que serão úteis para o futuro. Já concluiu as aulas de primeiros socorros no Senac e se prepara para ingressar no curso de massagista. A felicidade só é quebrada quando se lembra das colegas do Paulo de Frontin que não passa-

ram no vestibular e têm de achar emprego.

Para os 1,8 mil alunos do Paulo de Frontin que não tiveram outra opção, muito pouco mudou desde março do ano passado. A única modificação ocorreu na semana seguinte às denúncias de Luciana, de que havia turmas sem aula por falta de professores. Com uma medida administrativa, a Secretaria de Educação preencheu as vagas com os próprios professores da escola. Eles passaram a fazer horas-extras, antes proibidas, pois ficaram vinculados ao Regime Especial de Trabalho (RET). A situação do colégio, porém, está longe da ideal.

Norma Cohen, diretora adjunta do Paulo de Frontin, é a primeira a reconhecer que o quadro é dos piores. “O colégio está caindo aos pedaços, tantas são as infiltrações. Mesas e cadeiras estão depredadas e paredes inteiramente pichadas. As quadras de esporte não estão em condições de uso. Falta material de laboratório e o

número de livros na biblioteca é ínfimo. Também não há segurança. Os poucos inspetores são contratados por uma firma particular. Com isso, temos muitos casos de drogas e sexo dentro do colégio, principalmente no turno da noite”, destaca.

A diretora diz já ter encaminhado à Secretaria de Educação ofícios pedindo verbas para reformas, sem resultado. “É pena que isso aconteça, pois o colégio tem tradição e o quadro de professores é dos melhores da rede estadual, quase todos com mais de 20 anos de experiência. Só que fica difícil trabalhar sem material, com baixos salários e estudantes sem estímulo”, lamenta Norma. As reclamações dos alunos do 3º ano do 2º grau refletem a opinião da diretora. “Os professores até que são bons, mas falta estrutura. A gente tem que fazer vaquinha para a professora tirar xerox fora da escola, porque aqui só tem um mimeógrafo a álcool”, revela Mônica de Oliveira, 17 anos.